

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**A CIDADE COMO OBJETO DISCURSIVO: MEMÓRIA E MOVIMENTO NA
CONFIGURAÇÃO MATERIAL DO ESPAÇO URBANO**

Carolina Rodríguez-Alcalá

Universidade Federal do Pampa (UNICAMP)

Neste trabalho apresentamos algumas considerações sobre o dispositivo da AD frente a um novo objeto discursivo, a cidade, definida enquanto “espaço simbólico particular, que tem sua materialidade e suas formas específicas de significar” (E. Orlandi), definição que sustenta as pesquisas da área *saber urbano e linguagem*. Procuramos determinar como se situa essa abordagem no horizonte epistemológico da AD para, em seguida, apresentar resultados de uma análise realizada num espaço público da cidade de São Paulo, que nos permitam esclarecer tal discussão.

Como nos lembra Paul Henry, a AD participa do gesto epistemológico anti-positivista produzido a partir da trilogia de autores Marx/Freud/Saussure, que revolucionou as ciências humanas no século XX, e que pode ser caracterizado pelo questionamento das evidências da ordem humana como sendo estritamente biossocial, através do reconhecimento da castração simbólica que caracteriza a estrutura do humano. Podemos dizer que, dessa perspectiva, nem o sujeito é o reflexo (psicológico) de características naturais (biológicas), e sim o resultado de um processo simbólico que se dá na história, nem o mundo em que vive se confunde com o meio natural, condição da vida orgânica, mas é o espaço simbólico que resulta do mesmo processo de constituição subjetiva. O que leva a atribuir à linguagem, à própria língua, matéria simbólica por excelência, um estatuto central na constituição da realidade humana. Afirmamos, por isso, que *sujeito*, *sentidos* e *espaço* resultam de um mesmo processo histórico, existindo entre esses termos uma *relação constitutiva*.

É nesse quadro que Pêcheux retoma e desenvolve as duas evidências ideológicas fundamentais postuladas por Althusser, a saber, a *evidência do sujeito*, enquanto centro e origem de si, e a *transparência da linguagem*, enquanto código que remeteria diretamente, de forma transparente, às coisas do mundo, a partir de sentidos dados naturalmente, evidências através das quais se apaga o processo histórico de constituição desses fenômenos. Caberia nesse quadro elaborar uma terceira evidência, que completa a tríade sujeito/linguagem/mundo sobre a qual se constrói a realidade humana, e que já está posta por esses autores,

que é o que poderíamos chamar a “evidência do mundo”, pela qual este se apresenta como meio natural pré-constituído, apagando-se o processo histórico de produção do espaço (político) da vida humana. É essa a contribuição específica e inovadora que, a nosso ver, a reflexão promovida na área saber urbano e linguagem visa a trazer para os estudos do discurso (e da cidade).

A partir da análise de um corpus de entrevistas realizadas num espaço público no centro da cidade de São Paulo, através da noção de *memória discursiva*, marcada pela oposição *público/privado*, gostaríamos de discutir alguns processos de significação que se materializam na percepção que os sujeitos têm do *movimento*, enquanto noção fundante da ordem urbana (Rodríguez Alcalá 2003), e na própria configuração arquitetural da cidade. Centraremos a análise, especificamente, em entrevistas realizadas com moradores de rua, para evidenciar algumas contradições decorrentes do que chamamos de “nomadismo” urbano, que apontam para a disputa pelo direito à ocupação do espaço da cidade e pela legitimidade do movimento: quem pode fixar-se e/ou circular por ele, onde e de que maneira.